

# SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS



DENISE PEREIRA  
JANAÍNA DE PAULA DO ESPÍRITO SANTO  
(ORGANIZADORAS)

**Atena**  
Editora  
Ano 2020

# SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS



DENISE PEREIRA  
JANAÍNA DE PAULA DO ESPÍRITO SANTO  
(ORGANIZADORAS)

**Atena**  
Editora  
Ano 2020

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecário**

Maurício Amormino Júnior

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

## **Ciências Biológicas e da Saúde**

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

## **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Tais Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista



## Saberes tradicionais e conhecimentos científicos nas ciências humanas

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecário** Maurício Amormino Júnior  
**Diagramação:** Luiza Alves Batista  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadoras:** Denise Pereira  
Janaína de Paula do Espírito Santo

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

S115 Saberes tradicionais e conhecimentos científicos nas  
ciências humanas 1 [recurso eletrônico] /  
Organizadoras Denise Pereira, Janaína de Paula do  
Espírito Santo. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-304-0

DOI 10.22533/at.ed.040201908

1. Antropologia. 2. Ciências humanas. 3. Etnologia. I.  
Pereira, Denise. II. Espírito Santo, Janaína de Paula do.

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Uma tradição, normalmente, pode ser definido como aquilo que se faz por hábito, um legado passado de uma geração para outra. Embora o historiador Hobsbawm tenha chamado atenção em uma obra bastante reconhecida entre historiadores de que as tradições, de maneira geral consistem em retomar “passado histórico apropriado”, em que o senso de continuidade ocupa um valor e uma necessidade centrais, e que, para isso, muitas vezes os diferentes grupos se constituem em torno de falsas noções de continuidade, ou seja, as tradições, podem, muitas vezes serem inventadas, a expressão saberes tradicionais traz consigo um elemento mais amplo do que a noção de continuidade a que nos referíamos acima.

Usualmente, a ideia de saber tradicional é usada para marcar um conjunto de noções e práticas que permeiam as sociedades e grupos e são ligadas, por exemplo, ao reconhecimento de propriedades de plantas, consensos e práticas sociais comuns, valores norteadores que parecem pertencer a uma realidade atemporal, ou seja, estiveram sempre presentes e são reconhecidas por um grande número de pessoas sem ter passado pelo espaço de “validação científica”, que nesse caso, significaria o crivo do método usado pela ciência para chegar em suas conclusões. Isso não significa, que, nos dias atuais não se possa falar de uma espécie de «terreno comum» em que se estabelece um diálogo, uma espécie de entendimento entre as esferas do conhecimento tradicional e do conhecimento contemporâneo, técnico e científico.

Essa troca existe, e é bastante presente, ainda que, nem sempre, essas esferas sejam consideradas de maneira equivalente, uma vez que a “ciência” acaba prevalecendo. Em ciências humanas, nos últimos anos, esse debate se fez cada vez mais presente, dado que o registro, o resgate e o entendimento desses saberes tradicionais sempre esteve na pauta, de uma maneira ou de outra, de seu campo de pesquisa. Nesse caso, o sentido de incompatibilidade não se faz tão presente como em outras tradições científicas. Ainda assim, tem se construído cada vez mais o entendimento de que esse resgate e a ideia de que os saberes tradicionais devam ser pesquisados e referidos, junto com eles chama-se a atenção para que os valores de justiça social, participação popular e sustentabilidade estejam sempre presentes e cada vez mais na pauta do processo de construção dos saberes. Assim, para além de base e fonte, se entende, nas ciências humanas, que há que se dar voz ao saber tradicional, e que o diálogo deste com o conhecimento científico constitui-se enquanto riqueza e multidimensionalidade do mesmo.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira

Janaína de Paula do E. Santo

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A MOBILIZAÇÃO DE PAIS E RESPONSÁVEIS PARA PARTICIPAÇÃO EFETIVA NOS CONSELHOS ESCOLARES	
Débora Paula Martins da Silva Lenise Patricia de Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0402019081</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>7</b>
A PSICOPEDAGOGIA E A NEUROPSICOPEDAGOGIA NA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA DA APRENDIZAGEM COMO FERRAMENTA NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES	
Nivaldo Emídio Moreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0402019082</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>16</b>
BEM-ESTAR E MAL-ESTAR DOCENTE: UMA ANÁLISE DAS PESQUISAS PUBLICADAS ENTRE 2015 E 2018	
Karolina da Silva Riquelme Flavinês Rebolo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0402019083</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>27</b>
EDITH STEIN: UMA ANTROPOLOGIA INTEGRAL COMO FUNDAMENTO PEDAGÓGICO	
Vitor Vinícios da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0402019084</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>36</b>
ESCREVENDO A DANÇA: MEMÓRIA, ARTE, ENSINO E CIÊNCIA	
Ana Lígia Trindade Patrícia Kayser Vargas Mangan	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0402019085</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>42</b>
FILOSOFIA: QUEM É A MULHER NESSE CONTEXTO?	
Brasilina Bento da Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0402019086</b>	

<b>CAPÍTULO 7.....</b>	<b>53</b>
<b>FORMAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS: O QUE PENSAM OS FUTUROS PROFESSORES?</b>	
Janaina de Azevedo Corenza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0402019087</b>	
<b>CAPÍTULO 8.....</b>	<b>65</b>
<b>LEITURA NA ESCOLA: UM ESTUDO COMPARATIVO</b>	
Rosely Ribeiro Lima	
Valéria Ribeiro Carvalho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0402019088</b>	
<b>CAPÍTULO 9.....</b>	<b>74</b>
<b>MUSEU E ESCOLA, CONSTRUÇÃO COLETIVA PARA A PERMANÊNCIA DA MEMÓRIA, COM ÊNFASE NA FUNÇÃO DO OBJETO MUSEAL</b>	
Maria Augusta de Castilho	
Maria Christina de Lima Félix Santos	
Melly Fátima Góes Sena	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0402019089</b>	
<b>CAPÍTULO 10.....</b>	<b>85</b>
<b>O CONCEITO DE IMAGINAÇÃO EM VIGOTSKI</b>	
Thais de Sá Gomes Novaes	
Letícia Maria Montoia Gonçalves	
Letícia Busquim Pereira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04020190810</b>	
<b>CAPÍTULO 11.....</b>	<b>91</b>
<b>PEDAGOGIAS QUE CURAM COM OS/AS PESCADORES/AS ARTESANAIS DE ITAPISSUMA</b>	
Talita Maria Soares da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04020190811</b>	
<b>CAPÍTULO 12.....</b>	<b>102</b>
<b>POLÍTICAS EDUCACIONAIS E OS PRESSUPOSTOS DE STEPHEN BALL</b>	
Taiani Vicentini	
Adolfo Ramos Lamar	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04020190812</b>	

<b>CAPÍTULO 13.....</b>	<b>110</b>
<b>VOZES EM DISPUTA: EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA E PARTICIPAÇÃO</b>	
Suelen Alves dos Santos	
Leônidas Daniel Paulino	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04020190813</b>	
<b>SOBRE AS ORGANIZADORAS.....</b>	<b>122</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>123</b>

# CAPÍTULO 6

## FILOSOFIA: QUEM É A MULHER NESSE CONTEXTO?

Data de aceite: 01/08/2020

Data de submissão: 06/05/2020.

**Brasilina Bento da Costa**

Universidade Estadual do Norte do Paraná  
Jacarezinho – Paraná  
<http://lattes.cnpq.br/3779592634423330>

**RESUMO:** O artigo apresenta uma análise da situação feminismo no campo filosófico. Esse tema é importante porque embora a filosofia esteja agrupada, com as disciplinas de humanidades, um campo tradicionalmente considerado feminino, o trabalho mostra que os estudos de filosofia são um campo de conhecimento altamente masculinizado. Desde a década de 1970, os estudos sobre mulheres tornaram cada vez mais comuns e a variável sexo / gênero se pôs em evidência. O que veio a ser chamado de “perspectiva feminista” afeta precisamente a necessidade de incluir essa variável em qualquer abordagem teórica que procure explicar e / ou questionar a realidade. Este artigo, tem como objetivo entender as consequências da irrupção da perspectiva feminista no campo da filosofia. O interesse será especialmente ver a trajetória do feminismo como uma questão de pensamento filosófico e as estruturas de reconstrução que ele oferece para pensar sobre o que não é pensado pela filosofia ortodoxa.

**PALAVRAS-CHAVES:** Mulheres, Feminismo, Filosofia, Gênero, Sexismo.

**PHILOSOPHY: WHO IS THE WOMAN IN**

### THIS CONTEXT?

**ABSTRACT:** The article presents an analysis of the situation of feminism in the philosophical field. This theme is important because although philosophy is grouped, with the humanities disciplines, a field traditionally considered feminine, the work shows that studies of philosophy are a field of highly masculinized knowledge. Since the 1970s, studies on women have become increasingly common and the sex/gender variable has become evident. What came to be called a “feminist perspective” affects precisely the need to include this variable in any theoretical approach that seeks to explain and/or question reality. This article aims to understand the consequences of the eruption of the feminist perspective in the field of philosophy. The interest will be especially to see the trajectory of feminism as a matter of philosophical thought and the structures of reconstruction that it offers to think about what is not thought by orthodox philosophy.

**KEYWORDS:** Women, Feminism, Philosophy. Genre, Sexism.

### 1 | INTRODUÇÃO

A mulher e a filosofia são um binômio problemático. Nesse sentido, esse trabalho procura entender a filosofia na perspectiva feminista que questiona a relevância a filosofia clássica, “oficial”, androcêntrica e sexista. De fato, a filosofia feminista revela, não apenas a falsa neutralidade / objetividade daqueles que elaboram o que é aceito oficialmente como ciência ou filosofia, mas também a falsa universalidade que ambos usam como uma de suas armas mais perigosas. Essa suposta

universalidade resulta de um movimento ideológico que consiste em considerar o sujeito masculino como se fosse assexual, neutro, com o qual os resultados obtidos seriam de fato objetivos e universais, aplicável a todos os casos possíveis. Por trás dessa universalidade inexistente, também está oculto outro movimento ideológico, que nega a intervenção da diferença sexual na elaboração da filosofia e da ciência.

A curiosidade em se estudar esse tema veio da suposição da não neutralidade e a não universalidade da razão, até agora exclusivamente masculinas (e também heterossexuais, brancas, ocidentais, isto é, negação de tudo o mais), o leque intercultural, as variações sexuais e a diferença sexual que cruza e divide a espécie humana em duas, sem que metade possa afirmar ser mais humana que a outra ou ter o monopólio no caminho do raciocínio.

A isto deve-se acrescentar que, somente a partir da experiência vivida pelas mulheres como Simone de Beauvoir (1999), a realidade que as oprime pode ser questionada. Aqui, vale lembrar que as pensadoras feministas que começaram com Beauvoir têm produzido e sustentado uma epistemologia feminista que é crítica e inevitavelmente transforma as disciplinas em que toca, questionando profundamente a natureza do conhecimento e até especificamente a do conhecimento científico, para que já se fale de uma filosofia feminista da ciência.

## **21 O BINARISMO DE GÊNERO E SUA RELAÇÃO COM O PODER SOCIAL, CORPORAL E SUBJETIVO**

A partir dos anos 1970, e com o impulso dos movimentos libertadores das mulheres conhecidas como “segunda onda do feminismo”, a questão da igualdade e da diferença passa a ser colocada em um lugar central da dialética feminista. Se, por um lado, naquela época a igualdade foi um objetivo claro que deu frutos nos campos jurídico, político, trabalho e da economia, por outro lado, o discurso da diferença vem ganhando mais terreno na teoria feminista. Não obstante desde o século XIX já se viam discursos que desconstroem a questão da desigualdade de gêneros ou transformando a mulher em sujeito subalterno. Nas palavras de Mil:

Se alguma vez se tivesse conhecido uma sociedade de homens sem mulheres, ou de mulheres sem homens, ou se tivesse existido uma sociedade de homens e mulheres em que estas não estivessem sob o controle daqueles, teria sido possível adquirir algum conhecimento preciso acerca das diferenças psicológicas e morais eventualmente inerentes à natureza de cada um... (2006, p. 71-72)

Pois bem, uma das principais obras do feminismo, *O Segundo Sexo* estabeleceu precisamente o conceito de gênero quando se trata de compreender a construção da mulher como sujeito subordinado e oprimido. O conceito de gênero marcou sem dúvida é o epicentro da filosofia feminista. Com esse conceito, ficou claro que a categoria de “mulher” é uma construção social relacionada ao corpo biológico feminino. Isso será expresso pela famosa frase de Simone de Beauvoir em sua frase “... Não se nasce mulher, torna-se mulher...” (BEAUVOIR, 1980, p. 13). Isso deixou para trás uma tradição patriarcal que interpretava que a distinção entre homem e a mulher se devia a uma diferenciação sexual e

biológica indiscutível. Beauvoir discute o conceito de “alteridade” como categoria essencial do ser humano. A identidade da subjetividade em si precisa da categoria do “outro”. O estudo de Beauvoir concentra-se precisamente em como esse “outro” foi estigmatizado e se tornou um sujeito objetivado, um absoluto. Consequentemente, a mulher se torna alteridade absoluta quando as leis contra ela são construídas; leis que buscam proteger os interesses econômicos, políticos, morais e ontológicos do sujeito que os cria: o masculino.

Dessa forma, os homens se apropriaram do conceito de universal, e nessa articulação “... o masculino foi definido como o Um, enquanto o feminino é o Outro, secundário ou de menor grau: a humanidade é homem e o homem define a mulher, não em si mesma, mas em relação a ele; a mulher não considerada um ser autônomo...” (BEAUVOIR, 1980, p. 12). Os homens reservaram a transcendência para si e relegaram as mulheres à imanência, traduzidas nos papéis de esposa e mãe. Sua análise confirma que as mulheres não têm acesso às mesmas oportunidades que os homens para desenvolver seus projetos vitais e destaca a injustiça dessa desigualdade sexual, que acaba fazendo com que as mulheres se conheçam e se escolham, não na medida em que existe por si só, mas como definido pelo homem.

A teoria da perspectiva feminista se inicia precisamente quando se torna necessário refletir sobre as razões da insuficiência do poder feminino. Quando se torna necessário questionar-se sobre a distribuição desigual de poder e privilégios, a subjugação das mulheres em praticamente todas as sociedades conhecidas. Essa teoria, portanto, se mostra uma tarefa não apenas oportuna, mas totalmente necessária para poder mudar a situação da vida das mulheres. A teoria ocupa um lugar central nos movimentos feministas onde a consciência tem sido um componente vital da prática feminista. As mulheres tiveram que aprender umas com as outras a partir de suas experiências, reconhecendo e avaliando suas semelhanças e diferenças. A teoria e a conscientização - permanecem fundamentais para as primeiras suposições sobre igualdade feminina, para definir e redefinir questões centrais e para ativar novas estratégias transformadoras em resposta à evolução e, frequentemente, à regressão das circunstâncias sócio-políticas. Como evidencia o longo caminho da luta feminista, o patriarcado é composto de múltiplas práticas que, tomadas uma a uma, podem parecer insignificantes ou não opressivas, mas que juntas (reforçando uma à outra) formam uma estrutura sistemática onipresente e quase inacessível.

Hobbes (2010) questiona a autoridade patriarcal e a desigualdade entre homens e mulheres como expressão de uma lei da natureza. Durante muitos anos, o domínio dos homens sobre as mulheres foi considerado natural, mas Hobbes indaga essa autoridade e o papel do homem como dominador de mulheres. Em sua teoria, expõe as abordagens iniciais da igualdade no estado natural dos homens e a transferência de poder das mulheres para os homens, no estado civil, ou seja, a transferência de seus direitos. Hobbes aqui afirma que a situação do homem e a posição que ele ocupa no poder e no governo são o resultado da ação das mulheres, que ele chama de pacto, onde as mulheres aceitam a “submissão”, já que grande parte da culpa pela falta de participação política das mulheres é a apatia que elas tiveram com ela e que esse “pacto”. Da mesma maneira, Hobbes explica o modo de sujeição patriarcal (do homem com a mulher) de três maneiras: o primeiro refere-se um pouco ao que foi explicado acima, o segundo tem a ver com a submissão de mulheres por homens, e o terceiro ocorre assumindo que os casais devem conceber filhos.



Para Hobbes, qualquer uma das duas primeiras formas de sujeição não é justificada pela natureza humana, mas é artificial, isto é, criada pelos mesmos indivíduos. Esta é uma parte importante da situação entre homens e mulheres, onde se reflete que a desigualdade entre os dois, devida a processos históricos, onde as mulheres eram desfavorecidas na maioria dos eventos. Hobbes afirma que todos os homens são iguais e apenas sua desigualdade pode ser justificada através do direito civil. É por isso que as mulheres devem defender seus direitos, no papel, para que não permaneça em palavras, pois é a única maneira de garantir a verdadeira igualdade de gênero.

Atualmente, o processo de moldar identidades foi reestruturado, e o “dom da flexibilidade” é um dos requisitos essenciais para sua adaptação aos cenários de imprevisibilidade (BAUMAN, 2001). Essas profundas transformações socioeconômicas e culturais encontram - como correlato - uma acentuação de particularismos, ou seja, uma tendência crescente à diferenciação que se manifesta no surgimento de novas identidades políticas, multiculturais, étnicas, religiosas e sexuais, entre outras. Assim, os “novos sujeitos” do mundo globalizado definem seus modos de vida a partir de âncoras de identidades heterogêneas.

Nesse contexto, as ciências sociais advogam a ressignificação de suas categorias de análise em virtude do pensamento sobre a noção de sujeito nas novas circunstâncias históricas. A corrente teórico-filosófica pós-estruturalista exerceu as principais críticas da modernidade usando o conceito de desconstrução de Jacques Derrida, do qual é questionada a racionalidade ocidental baseada em esquemas binários e etnocêntricos. Por seu lado, as teorias feministas também trabalharam na desconstrução das categorias de sexo e gênero. No entanto, se considera que as teorias feministas recentes - que incorporaram a operação desconstrutiva - renovaram, por sua vez, linhas teóricas em relação à especificidade de seu objeto de estudo e de suas posições políticas.

O chamado pensamento pós-moderno, como contexto ideológico, também exerceu influência sobre as teorias. A ênfase está na capacidade de tomada de decisão e de transformação de cada sujeito, como liberdades singulares. A integração da operação desconstrutiva será vital nesse processo, bem como a relevância teórica de autores como Jacques Derrida e Gilles Deleuze nas produções das diferentes correntes feministas.

Jacques Derrida (2010), aparece como um colaborador ativo da crítica radical da tradição filosófica ocidental, que ele entendeu como uma metafísica opressiva, que sob os termos de “validade universal” e “progresso” e de uma visão claramente patriarcal e eurocentrista, que cataloga o restante das culturas “atrasadas” e exclui a outra, a diferente. Ele se distanciou completamente dos clássicos: enquanto tentavam construir um sistema filosófico de conhecimento da realidade, Derrida seguia na direção oposta. O objetivo era a desconstrução desse sistema, a metafísica, que ele definiu como “mitologia da presença”. Segundo Derrida, a realidade foi definida através de oposições binárias, resumidas em dois elementos, a presença de um espaço definido, identificado positivamente e a diferença negativa ou negatividade (ausência), entendida como exterioridade e subsequência.

Existem diferentes relações binárias, como bom / ruim, domínio / dependência, dentro / fora, aparência / realidade, racionalidade / irracionalidade, homem / mulher, que compõem o sistema político, metafísico e ético e, assim também, a maneira de agir dos seres humanos. A tradição filosófica ocidental tentou repetidamente localizar e estabilizar

uma presença privilegiada como o lugar da verdade e da validade e torná-la um centro fixo e permanente de disseminação, de legitimidade moral, uma base sobre a qual o julgamento poderia se basear. A tentativa de manter esse fundamento responde à convicção de que o oposto disso implicaria caos intelectual, moral e político. A partir da presença, é que um sistema binário é gerado: o oposto da presença será a ausência, sendo assim constituído por relações de oposição, afirmação e negação.

A ausência, como negação da presença, constitui a diferença negativa do ser, de sua presença e de sua identidade positiva (o oposto, o diferente, o que se opõe). Este positivo e negativo têm seu senso ético que se traduz em bom / ruim, valioso / não valioso, superior / inferior, etc. A presença está associada ao bem, e ausência, portanto, ao mal. Com a preponderância da identidade de uma pessoa, do positivo, há a exclusão da diferença negativa, de sua alteridade, de seu próprio espaço de presença. Isso está relacionado à

unidades de simulacro, 'falsas' propriedades verbais, nominais ou semânticas, que não se deixam mais compreender na oposição filosófica (binária) e que, entretanto, habitam-na, opõem-lhe resistência, desorganizam-na, mas sem nunca constituírem um terceiro termo, sem nunca dar lugar a uma solução na forma da dialética especulativa... (DERRIDA, 2001, apud HADDOCK-LOBO, 2008,p.149)

A identidade dos poderosos é auto constituída em um caso exemplar de presença, uma presença privilegiada que domina sobre sua própria ausência ou não-ser e sobre suas negações e negadores hipotéticos. É o mesmo poder que se auto privilegia com um valor de presença, o que se confere relevância e importância, que pode realizar a operação estrutural básica do sistema binário: a exclusão. Poder-se-ia colocar como exemplo de presenças e ausências as seguintes relações de opressão: preto / branco, norte / sul, oeste / não ocidental, heterossexual / homossexual, homem / mulher ... todas essas presenças geram a exclusão de suas ausências e têm toda uma série de consequências sociais, éticas e políticas.

A exclusão do Outro ou do Outro em nome do próprio, da propriedade ou da própria identidade assume duas formas complementares como a exclusão física ou material (genocídio, discriminação, abuso, segregação, subordinação, etc.) A exclusão simbólica (exclusão do espaço de validade filosófica ou metafísica, discriminando e excluindo o que é considerado inválido, incorreto, ruim, cruel, inútil, incapaz etc.). O clímax vem com a exclusão do desumano, baseado na presença do humano, no espaço da humanidade humana ou normativa "normativa". Embora, para isso, se deva desumanizar quem for necessário. Claramente, isso também está relacionado à exclusão de mulheres na esfera pública ou à falta de reconhecimento de todo esse número de pessoas que não são definidas como heterossexuais e / ou homens ou mulheres (intersex, pansexual, queers).

A desconstrução tem como objetivo de missão o "fundamento" e o sistema binário que gera, bem como as consequências éticas e políticas que esse sistema implica. Se vasculharem o suficiente, vamos encontrá-lo, e terminá-lo, terminarei com tudo o que ele geral. Na desconstrução de categorias metafísicas, Derrida critica em sua raiz a existência de um poder político e moral último e único, que legitima a violência. E, a exclusão é impossível sem violência.

Para o filósofo, a violência simbólica se repete no espaço linguístico, no espaço político, legitimando e justificando a situação privilegiada da presença dos discursos literários, midiáticos e até interpessoais diariamente. Essa violência é contra o outro, contra os excluídos, contra o que é entendido como diferente. O universo de significado filosófico ou metafísico pode ser imaginado como uma vasta construção na qual três elementos se destacam a arquitetura estrutural, constituída pelo sistema binário, a presença pura e completa, o elemento original que a constitui, a exclusão do Outro, do diferente, como efeito estrutural do sistema.

Assim, basta eliminar o elemento original (a presença) para desconstruir o sistema e fazê-lo parar de produzir exclusão. Derrida propõe colocar constantemente em suspensão - em questão, em questão - o que consideramos verdadeiro, válido: “Não é um momento simples: sua possibilidade deve permanecer estruturalmente presente no exercício de toda responsabilidade”.

Pode-se dizer que Derrida propõe a desconstrução dos espaços privilegiados através da identificação dessa presença privilegiada e de seus privilégios. No caso dos binarismos homem / mulher em que foi levantada a exclusão do espaço público e privado das mulheres, a tarefa dos feminismos e feministas seria a identificação de tais espaços e privilégios, combatê-los, ocupá-los, transformá-los, até derrubar a privilegiada “presença”.

A divisão normativa entre homens e mulheres é, nos termos de Deleuze e Guattari (1996), uma das máquinas binárias que condicionam o socialmente possível no nível de ação, percepção, afetividade e pensamento. Essas disjunções supõe um estado de poder e poder e dominação no nível social através do qual é feita uma tentativa sempre renovada de incluir a complexidade e multiplicidade do social nas realidades padrão e estereotipadas. A maioria não indica uma quantidade maior, mas um modelo normativo, ou seja, um padrão ideal em relação ao qual as singularidades são valorizadas.

Tanto o “homem” quanto seu outro complementar e especular, a “mulher”, são lugares ontológicos ocupados por ninguém, porque na prática social as singularidades são sempre variáveis e são distribuídas como minorias capturadas, mas também transbordam aqui e ali para o modelo. A maioria funciona como uma tentativa de universalização que, mesmo sem definição, não deixa de limitar o campo do socialmente possível. Assim, os locais majoritários do gênero realizam um trabalho de padronização e universalização que tem como objeto a minoria, o que está sujeito a capturas, mas que não deixa de variar, e assim foge da maioria que é um lugar vazio e inabitável para qualquer singularidade

O pensamento desses autores é apropriado ao tipo de abordagem que aqui se está propondo, porque também tenta mudar o que é apresentado como constante e faz com que as diferenças proliferam dentro da dicotomia entendida como oposição regulada e hierárquica. Os limiares, os arrastamentos e as conjugações são importantes que tornam o campo dos gêneros de fato uma multiplicidade minoritária sempre direcionada pelos dispositivos de codificação binária. Nesse sentido, é importante esclarecer que a minoria não existe fora de seu relacionamento com a maioria. A lógica da proliferação e multiplicidade não ignora necessariamente o trabalho do negativo.

Como nas elaborações de Butler (2015) não se postula a possibilidade do livre tornar-se em um espaço tranquilo, mas a abertura de trajetórias complexas em um espaço estriado, onde é necessário reconhecer os poderes de sofrimento e destruição que são

realizados através do aparato de captura do gênero binário. Considere, por exemplo, as diferentes formas de violência, exclusão e vulnerabilidade às quais as pessoas trans estão expostas e que habitam gêneros incoerentes ou confusos em relação à norma.

Compreender o gênero como uma realidade que só pode ser parcialmente capturada pelo binarismo homem-mulher permite questionar a matriz fundadora de imobilidade que é subtraída do jogo das diferenças. A abordagem que aqui se propõe é preservar provisoriamente o termo “mulher” para sujeitá-lo a um minoria tornando-se capaz de perceber que sua existência é realizada através das múltiplas variações singulares que o incorporam e que constantemente se apropria, negociam e escapam às categorias majoritárias de identidade e aos atributos associados a ela.

Nesse sentido, a semelhança entre subjetividades que se apresentam socialmente como “mulheres” e / ou características culturais associadas apropriadamente com “feminilidade” não pode estar sujeita a uma totalização, mas a uma composição conflitante que só pode ser conhecida ligando singularidades. Descartar qualquer distribuição de gêneros que possa surgir como originário ou transcendente é o primeiro passo na construção de um plano distributivo recondicionado na experiência e em vista das pragmáticas sociais e históricas dos gêneros.

Ao se considerar, segundo Deleuze (1996), que o conjunto não é definido por suas constantes, mas pelas linhas de variação que o compõem, pode-se refletir sobre “mulheres” e “feminilidade” como uma área de variação contínua. Encontram-se, então, singularidades mais ou menos capturadas pelos modos convencionais de “feminilidade” ou de ser uma “mulher”. Alguns deles manifestaram coerência entre “sexo anatômico”, identidade e expressão de gênero, enquanto outros criaram combinações impensáveis entre esses termos. As primeiras singularidades se envolveram em um trabalho constante de territorialização e buscarão coerência que lhes permita habitar um lugar ontológico impossível, enquanto outras atuarão como tensores e arrastaram o sistema de gênero hegemônico para seus limites, desterritorializando-o. Percebe-se a variabilidade que abre essa perspectiva, uma vez que não se reduz ou se reserva às manifestações que permanecem como dissidentes, marginais ou extraordinárias, mas permite refletir sobre o trabalho cotidiano que compromete todas as singularidades que são apresentadas socialmente como “mulher”.

O pensamento feminista das últimas décadas tentou explicar as relações de dominação de gênero e pode ser resumido em duas grandes proposições teóricas. Além das nuances e dependendo dos objetivos deste artigo, podemos abranger tanto o feminismo da igualdade quanto o feminismo da diferença, no chamado feminismo cultural, uma vez que ambas as correntes falharam em quebrar a “lógica da identidade” criticada pelos pós-estruturalistas com base na noção de diferente delineada por Jacques Derrida (2010).

Miguel e Biroli (2013) dizem que por um lado, o feminismo cultural argumentou que o problema era que a cultura masculina dominante definia - de seu ponto de vista particular - interesses que não correspondiam a aqueles do mundo feminino. Assim, as feministas culturais apontaram a importância de recuperar a essência feminina subjugada pelo patriarcado e levantaram a construção de uma cultura centrada nas mulheres como ação politicamente correta. Diante das feministas liberais, essas propostas foram perturbadoras e resultaram em reconciliação com os valores e virtudes femininas. No entanto, o feminismo

cultural foi pego na proposta de uma feminilidade redefinida. Ele falhou em ir além, falhou em desenvolver um programa político de longo prazo que pudesse impulsionar o movimento feminista; pelo contrário, ele acabou configurando um sujeito cultural feminino essencial.

Resumidamente, feminismo liberal é caracterizado por definir a situação das mulheres como uma situação de desigualdade - e não de opressão e exploração - e por postular a reforma do sistema até alcançar a igualdade entre os sexos. O feminismo cultural é a opinião de que existe uma “natureza feminina” ou “essência feminina” ou tentativas relacionadas de revalidar atributos associados à feminilidade.<sup>1</sup> Também é usado para descrever teorias que elogiam diferenças inatas entre mulheres e homens.

Por outro lado, na perspectiva do feminismo pós-estruturalista, Derrida (2010) defendia a desconstrução da categoria feminina e, nesse sentido, todo esforço para definir a identidade feminina era considerado em termos de reprodução da lógica e de estratégias misóginas. Ele aponta a ausência de um núcleo natural essencial e entendia a experiência da subjetividade como uma construção mediada por um discurso social que excedia o controle individual. As feministas pós-estruturalistas deram ao sujeito a capacidade de transcender o discurso social. Sem dúvida, essa visão fomentou a ideia de maior liberdade para as mulheres, entendida como uma proliferação de diferenças despidas de identidade de gênero predeterminadas pelo patriarcado ou pelo feminismo cultural. Além disso, em discrepância com o feminismo liberal e o feminismo cultural, o feminismo pós-estruturalista problematizou a questão da construção da subjetividade.

A teoria performativa da identidade proposta por Butler (2015) buscou equilibrar duas propostas teóricas: o essencialismo sociológico e o voluntarismo subjetivista. Ela enfatizou que a interpelação ideológica propõe uma interpretação do sexo como efeito do processo de naturalização da estrutura social de gênero e heteronormatividade, dessa maneira a autora utiliza o conceito de performatividade e ressalta que não há essência por trás das performances de gênero, mas que elas - em sua repetição compulsiva - produzem o efeito, a ilusão, de uma essência natural.

As influências de Derrida e Foucault no pensamento feminista permitiram que o binarismo fosse histórico e re-pensasse seus significados nos contextos da ciência e da tecnologia. Dessa forma, surgiram novas posições em relação à relação entre o corpo físico e as influências do discurso na construção do sexo-gênero. Como já foi visto, Butler (2015) desenvolveu a teoria da performatividade de gênero, questionando o binário e desnaturando a norma heterossexual. Este autor define o performativo como a repetição de práticas discursivas em torno da relação sexo-gênero como categorias contingentes. Sua crítica é baseada no fato de que, a partir da referida reiteração discursiva, a materialização de corpos e identidades ocorrerá de acordo com a norma heterossexual. Também argumenta que, através da linguagem, será definido, no nível político, quem é representado e quem é excluído. Isso a distância das posições feministas anteriores, pois ela questiona a categoria de mulheres como homogênea.

Em seu interesse, reside uma crítica à racionalidade moderna e ao esquema binário do pensamento. Para isso, estabelece um objetivo político e de visibilidade em torno dos problemas das mulheres e das minorias sexuais. Butler ressalta que o gênero sexual é mais do que uma construção fictícia, pois produz gêneros inteligíveis. Essa inteligibilidade defenderá a consistência entre sexo, gênero, orientação sexual, desejo e práticas sexuais

para fins de identidade e regulamentação. Para repensar essas categorias, Butler recorre às afirmações de Foucault (1979) sobre a noção de poder como produtor de sujeitos e conhecimentos. Ou seja, essa ideia de ficção de identidade também pressupõe separar o autêntico do aparente como moralizante e essencialista. Além disso, Butler sugere que o esquema sexo-gênero representa mulheres hegemônicas, deixando outras opressões ocultas. Ela utiliza a premissa de Beauvoir “Uma mulher não nasce, mas se torna uma”. Esse postulado será (re) significado do pensamento de Foucault e mais tarde se tornará a noção de performatividade: o gênero como ação. Foucault ainda afirma que:

a relação de poder e a insubmissão da liberdade não podem, então, ser separadas. O problema central do poder não é o da ‘servidão voluntária’ (como poderíamos desejar ser escravos?): no centro da relação de poder, ‘provocando-a’ incessantemente, encontra-se a recalcitrância do querer e a intransigência da liberdade. Mais do que um ‘antagonismo’ essencial, seria melhor falar de um ‘agonismo’ – de uma relação que é, ao mesmo tempo, de incitação recíproca e de luta; trata-se, portanto, menos de uma oposição de termos que se bloqueiam mutuamente do que de uma provocação permanente... (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 244-245)

Foucault (1998) lembra que a mulher como objeto da sexualidade é um instrumento de servidão há muito tempo, mas, no século XIX, aparecem os movimentos de libertação onde essas mulheres alcançaram uma mudança em relação ao foco sexual e reivindicavam formas de cultura, fala, linguagem etc., que desafiavam a sujeição. A oposição das mulheres ao poder dos homens não é entendida por Foucault como a oposição como um sistema de relações hierárquicas entre os sexos. É por essa razão que, ao examinar as lutas contra a autoridade, a oposição ao poder dos homens sobre as mulheres, dos pais sobre seus filhos, da psiquiatria sobre os doentes mentais, da medicina sobre a população, estabelece um denominador comum, são lutas transversais que não se restringem a um tipo particular de governo político ou econômico. São lutas imediatas, porque as pessoas criticam as instâncias de poder mais próximas delas, aquelas que exercem sua ação sobre os indivíduos. Eles não procuram o inimigo número um, mas o inimigo imediato. São lutas que questionam o status do indivíduo: por um lado, afirmam o direito à diferença e, por outro, atacam tudo o que pode isolar os indivíduos. Eles se opõem ao que poderia ser chamado de “governo por individualização”, isto é, uma tática individualizante, que diz respeito a cada indivíduo, exercido por vários poderes: o da família, o da medicina, o de psiquiatria, educação etc. Essas lutas se opõem a uma resistência aos efeitos do poder que estão ligados ao conhecimento. Não existe crença dogmática no valor do conhecimento científico, mas nem uma rejeição cética ou relativista de toda verdade testemunhada. O que está em questão é a maneira pela qual o conhecimento circula e trabalha, suas relações com o poder. Ou seja, o regime de conhecimento. Todas as lutas atuais retornam à mesma questão: quem somos? Eles são uma rejeição à violência exercida pelo estado econômico e ideológico que ignora quem somos individualmente, e também uma rejeição à investigação científica ou administrativa que determina nossa identidade.

Dos movimentos sociais que surgiram na década de 1970, emergiu uma convergência entre Michel Foucault e a teoria feminista. No entanto, o pensamento de Foucault não é feminista e, de fato, seu androcentrismo é uma escolha, e não o resultado da ignorância. Mas, se seu trabalho é considerado uma caixa de ferramentas, exatamente como ele

queria, sua análise é útil para este trabalho. Uma das contribuições mais notáveis de nosso autor para esses movimentos é a explicação da relação entre poder e conhecimento. Como já descrevemos, para ele a relação de poder nunca é separável do conhecimento, porque dentro de cada sociedade existe um regime de verdade com seus próprios mecanismos para produzi-lo.

Outra confluência entre Foucault e o pensamento feminista é encontrada em posições pós-econômicas. Ou seja, superando a ideia de que todas as desigualdades sociais provêm do sistema capitalista. A importância da coisa econômica não é negada aqui, mas não é considerada a única causa da desigualdade. Assim, a crítica foucaultiana do economismo e algumas premissas das teorias marxistas,

O poder exercido por práticas e discursos sociais faz com que os dominados participem do poder, que compartilham e repetem as ideias que justificam sua própria dominação. A melhor dominação, a mais eficiente, é aquela baseada nos próprios membros do grupo subjugado. Como Foucault (1979) não aceita a existência de essências, o poder é relação e transversalidade e os sujeitos estão sempre em posição de serem objetos e sujeitos do poder. O sexo biológico é a única coisa que divide homens e mulheres, sem avaliar a diferença entre os processos históricos de produção do corpo de ambos, bloqueando a possibilidade de investigar essa relação de poder.

No entanto, nem todas as relações de poder são semelhantes, nem têm as mesmas consequências ou magnitudes, e não há dúvida de que existe uma divisão entre indivíduos no sistema patriarcal que afeta o mundo. Segundo Pinto (2010), o problema é que Foucault chama muitos tipos diferentes de coisas de poder e simplesmente deixa a questão nesse ponto. Todas as práticas culturais envolvem compulsões, mas essas compulsões são de uma variedade de classes diferentes e, portanto, exigem uma variedade de respostas normativas diferentes. Ele entende que não pode haver práticas sociais sem poder, mas não se segue que todas as formas de poder são equivalentes ou que qualquer prática social é tão boa quanto qualquer outra. Do feminismo, outra crítica a Foucault tem sido a evanescência que sua conceituação de poder implicava em uma prática de denúncia concreta. Se o poder não é de propriedade de ninguém, é problemático atribuir sua responsabilidade ou abuso a indivíduos ou grupos. Foucault nos leva a um impedimento quando se trata de usar conceitos abstratos e genéricos para designar uma opressão de grupo, e isso gerou problemas importantes que afetam diretamente as mulheres, como por exemplo, ao usar o termo “patriarcado”. Se pode observar facilmente que as mulheres não são sujeitas ao poder, ou pelo menos não na mesma medida que os homens. Mas Foucault não percebe esse aspecto e se concentra no homem quando se trata de identificar seu indivíduo, porque só então é possível explicar que ele é sujeito e objeto de poder. Aqui seria possível aceitar, ao contrário do que o autor pensa, que o poder pode ser entendido como o exercido por um grupo sobre o outro, uma vez que as mulheres nunca formaram uma sociedade de soberanos que exercem violência sobre os homens pelo simples fato de ser e relegá-los a segundo plano, sujeitos desses sujeitos.

### 3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta discussão, se tentou refletir o amplo e intenso debate na teoria

feminista sobre o que significa ou deveria significar ser mulher no campo filosófico. Se percebe que o feminismo e que a teoria feminista não perdeu a capacidade crítica que a caracteriza desde suas origens. A heterogeneidade de posições ou modelos teóricos propostos para interpretar os mecanismos de subordinação das mulheres ou para superar sua discriminação, não deve nos esquecer que todas as correntes coincidem no reconhecimento de que as mulheres são simplesmente mulheres. Tradicionalmente são discriminadas e, portanto, suas oportunidades quantitativas e qualitativas ainda são menores.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980,

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **O Anti Édipo**. Rio de Janeiro: Imago, 1996

DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. 3ª Ed. São Paulo: Ed. Perspectiva. 2010.

DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade Vol. 1 – A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

HADDOCK-LOBO, Rafael. **Considerações sobre “posições” de Derrida**. In: O que nos faz pensar. n.21, maio de 2007.

HOBBS, Thomas. **Elementos de Lei Natural e Política**. Trad. e notas de Fernando Dias Andrade. São Paulo: Abril Cultural, 2010.

MIGUEL, Luís Felipe e BIROLI, Flávia. **Teoria política feminista, hoje**. Vinhedo: Editora Belo Horizonte, 2013.

MILL, John Stuart. **A Sujeição das Mulheres**. Almedina. Coimbra, 2006. pp. 71-72.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, história e poder**. DOSSIÊ TEORIA POLÍTICA FEMINISTA. Rev. Sociol. Polít. vol.18 no.36, Curitiba, 2010.



## ÍNDICE

### A

Aluno 19, 20, 22, 23, 25, 77, 92

Antropologia 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 68, 112

### B

Bem-Estar Docente 28, 29

### C

Comunidade 14, 16, 17, 18, 39, 43, 46, 72, 73, 90, 91, 94, 103, 106, 108, 109, 122, 125, 127, 128

Conhecimentos Artesanais 103, 106, 110

Conselho 13, 18, 67, 89, 122, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 133

Conselho Escolar 13, 14, 15, 16, 17, 18

Currículo 65, 66, 67, 68, 69, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 114, 115, 118, 120

### D

Dança 48, 49, 50, 51, 52, 53

### E

Educação 13, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 37, 38, 39, 45, 46, 47, 51, 52, 53, 62, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 85, 86, 87, 89, 91, 92, 94, 95, 96, 102, 103, 104, 105, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134

Ensino Formal/Informal 48

Epistemologia Política 114, 115

Escola 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 29, 31, 32, 33, 35, 36, 42, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 77, 78, 84, 86, 87, 92, 93, 94, 107, 131, 132

Estado do Conhecimento 28, 29, 38

Estágio Supervisionado 13, 17, 18

### F

Feminismo 54, 55, 60, 61, 63, 64

Filosofia 39, 40, 41, 42, 43, 44, 47, 54, 55

Formação Continuada 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27

Formação Docente 34, 65, 75

### G

Gênero 46, 54, 55, 57, 59, 60, 61, 62, 64, 66, 71, 124

Gestão Democrática 13, 14, 15, 16, 17, 18

### I

Imaginação 97, 98, 99, 100, 101, 102

Infância 25, 97, 98, 101, 102, 107, 108, 109

## **L**

Lei 10.639/2003 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75

Leitura 52, 77, 78, 79, 83, 84, 85, 91, 92, 95, 98

Lutas 62, 66, 103, 104, 106, 109, 110, 124, 128, 129, 130, 132

## **M**

Mal-Estar Docente 26, 28, 29, 30, 31, 34, 35, 36, 37

Memória 48, 49, 50, 52, 53, 74, 80, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 96, 100, 106, 109, 110, 123

Movimentos Sociais Negros 122

Mulheres 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 106, 109, 111

Museu 29, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96

## **N**

Neuropsicopedagogia 19, 20, 22, 23, 24, 25, 27

## **O**

Objeto Museal 86, 91, 92, 93

## **P**

Participação Social 122, 124

Pedagogia 18, 19, 20, 22, 23, 24, 39, 42, 45, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 75, 77, 91, 95, 97, 103, 106, 107, 109, 110, 112

Pesquisa 15, 17, 18, 22, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 48, 51, 52, 65, 66, 67, 68, 70, 71, 72, 74, 75, 79, 82, 83, 84, 86, 90, 91, 92, 93, 94, 97, 98, 103, 114, 115, 116, 117, 120, 121, 122, 126, 129, 131, 132

Políticas Educacionais 114, 115, 116, 117, 119, 120

Professor 20, 22, 24, 25, 26, 27, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 66, 69, 77, 87, 95, 102, 115, 118, 119, 120

Projeto de Intervenção 13, 15, 17

Psicopedagogia 19, 20, 22, 23, 24, 25, 27

## **Q**

Quilombolas 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133

## **R**

Representações Sociais 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85

## **S**

Sexismo 54

Stephen J. Ball 114, 115, 116, 120, 121

## T

Teoria Histórico-Cultural 97, 98, 102

Trabalho Docente 28, 30, 31, 38

# SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

# SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 